

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA

MARIA LETICIA COSTA MIRANDA

O TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DA TV UFG

Goiânia
2010

MARIA LETICIA COSTA MIRANDA

O TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DA TV UFG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Maria de Fátima Garbelini.

Goiânia
2010

MARIA LETICIA COSTA MIRANDA

O TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL DA TV UFG

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, da Universidade Federal de Goiás, para obtenção do título de Bacharel, aprovado em ____ de _____ de _____, pela banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Garbelini

Prof. Msc. Arnaldo Alves Ferreira Júnior

À minha família por estar sempre me apoiando, me incentivando a enfrentar os desafios. A todos os meus amigos e professores que compartilharam alegrias e tristezas, sabedoria e conhecimento.

AGRADECIMENTOS

À professora orientadora Dra. Maria de Fátima Garbelini por sempre estar me apoiando e por ser sempre tão paciente e tão dedicada.

À equipe da TV UFG, em especial à professora Rosana Borges por ter me dado a oportunidade de fazer parte da equipe da TV, ao coordenador de imagem Michael Valim e a coordenadora de produção, Vanessa Bandeira pela confiança e apoio. Ao pessoal da edição e produção pelo companheirismo e pelo humor que tornam todas as minhas tardes muito legais.

Ao professor Msc. Arnaldo Alves por ter aceitado participar da minha banca.

E a todos os professores e colegas do curso de Biblioteconomia da UFG.

“A ideia de trabalhar com imagens está ligada a história da civilização. Já nos tempos primitivos, o homem deixava suas impressões em forma de desenhos para que gerações pudessem aprender ou nos reverenciar.”

MAURÍCIO VALIM (Agosto de 2008)

RESUMO

Atualmente a televisão é considerada um meio de grande explosão informacional e o surgimento dela trouxe uma nova etapa na evolução da documentação audiovisual. Este tipo de documentação vem crescendo consideravelmente em emissoras de televisão muito embora ainda não possuam um tratamento técnico adequado para este tipo de documentação. A presente pesquisa e trabalho é uma proposta e implementação de um tratamento técnico [catalogação, descrição, indexação e preservação] dos documentos audiovisuais da TV UFG, levantando conceitos de documentação audiovisual e documentação audiovisual em televisão, as etapas do tratamento técnico para documentos audiovisuais para poder implementar o tratamento e fazer com que a informação seja melhor e mais rapidamente recuperada entre os editores e produtores dos programas da TV UFG e futuramente entre a comunidade em geral, além de preservar a memória institucional da TV UFG.

Palavras-Chave: Documentação Audiovisual; Documentação audiovisual em televisão; Indexação de imagens em movimento; Tratamento técnico de documentos audiovisuais.

ABSTRACT

Currently television is considered a medium huge information explosion and the appearance of it, brought a new stage in the evolution of audiovisual documentation. This type of documentation has increased considerably among TV stations even though TV stations still do not have a technical adequate treatment for it. This work presents a proposal of a technical treatment [cataloging, describing, indexing and preservation] for audiovisual documents implemented at TV UFG station raising concepts of audiovisual documents and audio-visual documentation on television, the steps of the technical treatment to audiovisual documents in order to implement the treatment and make so that the information can be better and more quickly recovered by the editors and producers of TV programs and, in the future, by the general community, and the institutional memory of TV UFG station can be preserved.

Keywords: Audiovisual documents; Audiovisual documents in television; Indexing moving images; Technical treatment of audiovisual documents.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	Telégrafo de Bain	21
FIGURA 2 -	Disco de Nipkow	21
FIGURA 3 -	Iconoscópio	22
FIGURA 4 -	O processo de tratamento técnico do material audiovisual em televisão	25
FIGURA 5 -	Logo da TV UFG	29
FIGURA 6 -	Organograma da estrutura organizacional da Fundação Rádio e Televisão Educativa – RTVE	31
FIGURA 7 -	Modelos de fichas de decupagem elaborados no Microsoft Word®	41
FIGURA 8 -	Modelo original de etiqueta elaborado no Corel Draw Graphics Suite X4®	42
FIGURA 9 -	Modelos de etiquetas para cada programa, baseadas no modelo original	43
FIGURA 10 -	Ciclo do tratamento técnico pelo qual passa a fita	45

LISTA DE FOTOGRAFIAS

FOTOGRAFIA 1 -	Prédio da FACE/UFG	32
FOTOGRAFIA 2 -	Ilha de Edição da TV UFG	32
FOTOGRAFIA 3 -	Ilha de Produção da TV UFG	33
FOTOGRAFIA 4 -	Deck existente na TV UFG	34
FOTOGRAFIA 5 -	Monitor 1 existente na TV UFG	34
FOTOGRAFIA 6 -	Monitor 2 existente na TV UFG	35
FOTOGRAFIA 7 -	Fitas Mini-Dvs	38
FOTOGRAFIA 8 -	Armários-gaveteiros	38
FOTOGRAFIA 9 -	Fitas com novas etiquetas e armazenadas	44 e 45

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AGECOM -	Agência Goiana de Comunicação
BBC -	British Broadcast Corporation
CERCOMP -	Centro de Recursos Computacionais
CIDARQ -	Centro de Informação, Documentação e Arquivo
FACE -	Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia
FIAT -	Federação Internacional de Arquivos de Televisão
FRTVE -	Fundação Rádio e Televisão Educativa
LABTIME -	Laboratório de Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais
MIS/GO -	Museu da Imagem e do Som de Goiás
PUC/GO -	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
RCA -	Radio Corporation of America
UEG -	Universidade Estadual de Goiás
UFG -	Universidade Federal de Goiás
UNESCO -	<i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i>

SUMÁRIO

	RESUMO	6
	ABSTRACT	7
1	INTRODUÇÃO	13
2	DOCUMENTO AUDIOVISUAL: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS	15
3	INDEXAÇÃO DE IMAGENS EM MOVIMENTO	17
4	A TELEVISÃO	20
4.1	A DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL NA TELEVISÃO	22
4.2	O TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL NA TELEVISÃO	24
4.2.1	Seleção Documental	26
4.2.2	Análise Documental	27
4.2.3	Conservação	27
5	A TV UFG	29
5.1	HISTÓRICO	29
5.2	ESTRUTURA ATUAL	32
5.3	RECURSOS HUMANOS	33
5.4	RECURSOS TECNOLÓGICOS	34
5.5	OS PROGRAMAS	35
6	METODOLOGIA	36
7	O TRATAMENTO TÉCNICO: RESULTADOS	37
7.1	ANÁLISE DO ACERVO AUDIOVISUAL	37
7.2	A DECUPAGEM DAS FITAS	39
7.3	ELABORAÇÃO DE NOVAS ETIQUETAS	42
7.4	ARMAZENAMENTO E CONSERVAÇÃO	44
7.5	O BANCO DE IMAGENS	46
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À EQUIPE DA TV UFG	52

1 INTRODUÇÃO

O interesse pela escolha deste tema surgiu por ocasião dos estágios realizados, primeiramente na área de conservação e recuperação de imagens fotográficas do Museu da Imagem e do Som de Goiás – MIS/GO entre os meses de julho de 2008 e abril de 2010 e, a partir desse mesmo mês, na TV UFG que integra a Fundação Rádio e Televisão Educativa – RTVE/UFG.

Ao estagiar no MIS/GO, presenciei a dificuldade que se tem ao se fazer uma indexação eficiente da imagem, seja ela em movimento ou não, para que ela seja melhor e mais rapidamente recuperada futuramente pelos usuários em um banco de imagens.

Já durante o estágio na TV UFG tive a oportunidade de conhecer como os documentos audiovisuais vêm crescendo no ambiente televisivo muito embora ainda não possuam um tratamento técnico adequado para este tipo de documentação.

O crescimento da informação audiovisual no ambiente televisivo em nível geral trouxe a necessidade de desenvolver formas de tratamento para esta documentação, além do desenvolvimento de ferramentas que suportem uma indexação rápida e eficiente, sendo esta última a mais desafiadora, pois ainda existe muita dificuldade por ser de natureza peculiar.

A partir da identificação desse problema surgiu a necessidade de desenvolver uma proposta de tratamento técnico para os documentos audiovisuais, em particular as imagens em movimento brutas¹ armazenadas no suporte denominado “fitas mini-dvs”², existentes na TV UFG, bem como diretrizes para implantação de um banco de imagens permitindo a reutilização do material em programas futuros, além de preservar a memória institucional da TV UFG.

A TV UFG³ é vinculada à Fundação Rádio e Televisão Educativa – FRTVE que foi instituída para apoiar a Universidade Federal de Goiás (UFG) em ações voltadas para as áreas de radiodifusão, comunicação, educação e cultura. Sua atuação é pautada nas políticas relativas ao ensino, à pesquisa e à extensão da UFG, tendo como principal ramo de atividade a radiodifusão. Com essa missão, desenvolve diversas atividades relacionadas à comunicação, educação e cultura, apoiando instituições de ensino superior públicas, especialmente a UFG. Desde 2009 é concessionária da TV UFG que em parceria com a TV Brasil, é transmitido em sinal aberto pelo Canal 14-E UHF.

¹ Imagens que não passaram por nenhum tipo de edição.

² Fitas que possuem o comprimento de 66 x 48 x 12,2 mm [Ver fotografia 7].

³ Informações obtidas no site da Fundação Rádio e Televisão Educativa – RTVE. Disponível em: < <http://www.rtve.org.br> > Acesso em: 20 Ago. 2010.

A identificação da necessidade de organizar os documentos audiovisuais da TV UFG incorporando novos atributos tecnológicos justifica o desenvolvimento de uma proposta de tratamento para uma recuperação mais rápida e eficiente entre os editores e os produtores dos programas.

Sendo assim, o objetivo desta pesquisa e estudo foi de propor e implementar um tratamento técnico (registro, catalogação, classificação, indexação e preservação) dos documentos audiovisuais, em especial as imagens em movimento brutas, da TV UFG fazendo um levantamento do acervo já existente, identificando o conteúdo dos documentos para posteriormente implementar o tratamento e construir um banco de imagens deixando-a para consulta entre os funcionários da TV UFG, mais especificamente os responsáveis pela produção e editoração dos programas além de contribuir para a preservação da memória da instituição.

2 DOCUMENTO AUDIOVISUAL: PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS

A palavra “audiovisual” tem origem latina, onde áudio “vi”, “tum”, significa escutar e vídeo “vidi”, “visum” significa ver. Mas a palavra tal qual conhecemos atualmente tem origem Norte-Americana, pois foi neste país que começou a se desenvolver as primeiras técnicas de som e imagem. No Brasil, somente nos anos 50 esse termo passou a ser utilizado e em pouco tempo ao termo “audiovisual” foi acrescentado outros sinônimos como: multimeios, recursos audiovisuais, materiais não impressos, materiais especiais, não gráficos, materiais não bibliográficos e mídia, tornando assim, um campo de estudo bastante amplo, complexo e confundível epistemologicamente, o que dificulta a padronização e a conceituação vocabular.

Segundo ALVES apud CIRNE (2002 p. 117), “um documento audiovisual é um documento cuja informação é veiculada através de um código de imagens, fixas ou móveis, e de sons, carecendo de um equipamento apropriado para ser visto e ouvido”.

Alfonso Rubio afirma que:

O documento audiovisual, como documento científico participa, conseqüentemente das mesmas notas de informação e fonte informativa e se integra igualmente no processo informativo-documental: emissor (bibliotecário audiovisual), canal ou meio de transmissão (suporte audiovisual), mensagem (documento audiovisual), receptor ou usuário da mensagem (documento audiovisual). (RUBIO, 2003, p.216)

Maria Teresa Cirne complementa que,

A documentação audiovisual, relativamente à documentação textual possui algumas particularidades diferenciadoras, nomeadamente a multiplicidade, multiformidade, incompatibilidade, dependência, opacidade, ambigüidade e instabilidade. (CIRNE, 2002, p.117)

Para Paloma Hidalgo (2003, p.234), “os documentos audiovisuais são um fenômeno relativamente recente no âmbito da documentação, sobretudo se compararmos com a larga trajetória dos documentos textuais”. E a mesma autora complementa que os documentos audiovisuais são considerados “opacos”, pois, seu conteúdo não é legível ou acessível de forma direta, sendo que é necessária a utilização de aparatos de leitura, o que os converte em “*dependentes*” de meios técnicos. Para a autora, documentos audiovisuais são também “*Multiformes e Incompatíveis*” que estão gravados em múltiplos suportes materiais e diversos formatos.

Isto indica que provavelmente estes documentos não são tratados tecnicamente pela maioria dos profissionais da informação por serem muitos mais complexos na sua

natureza e produção de se fazer um tratamento técnico eficiente, ou seja, classificar, indexar e conseqüentemente, armazenar.

3 INDEXAÇÃO DE IMAGENS EM MOVIMENTO

Os primeiros registros de imagem em nossa humanidade surgem há pelo menos 22 mil anos, na forma de escritas pictográficas. As pinturas rupestres das cavernas pré-históricas são testemunho da necessidade do homem de representar os acontecimentos à sua volta.

De acordo com Ricardo Rodrigues,

A imagem (do latim *Imago*) é uma *representação visual*, construída pelo homem, dos mais diversos tipos de objetos, seres e conceitos. Pode estar no campo do concreto, quando se manifesta por meio de suportes físicos palpáveis e visíveis, ou no campo do abstrato, por meio das *imagens mentais dos indivíduos*. (RODRIGUES, 2007 p. 68 Grifo do autor).

Hoje, vivemos em uma “civilização da imagem”, onde a dominação visual é maciça, principalmente nos meios de comunicação que as utilizam para informar. O surgimento da fotografia, do cinema e da televisão, acentua ainda mais a presença das imagens no cotidiano do homem, sendo a imagem basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade.

Johanna Smith (1996 p. 29) comenta que o termo “imagem” abrange um vasto leque de documentos iconográficos ou de ilustrações, incluindo pinturas, gravuras, pôsteres, cartões postais, fotografias, filmes (que se encaixa como sendo uma imagem em movimento), etc. A autora destaca ainda que estes registros, embora semelhantes não demandam as mesmas lógicas de tratamento documentário – uma vez que suas modalidades e usos são distintas.

Na sociedade contemporânea, a imagem ocupa lugar fundamental, e a visualidade torna-se, reconhecidamente, um dos mais importantes recursos cognitivos. Existe uma demanda, cada vez maior, pela utilização sistemática dos recursos audiovisuais tanto para a divulgação de informações como para a pesquisa.

Entende-se por imagem em movimento, segundo uma definição formulada nas “Recomendações sobre a Salvaguarda e a Conservação das Imagens em Movimento”, aprovada pela United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - UNESCO como:

Qualquer série de imagens captadas e fixadas em um suporte (independentemente do método de captação das mesmas e da natureza do dito suporte como, por exemplo, filmes, fitas, disco, etc. utilizado inicialmente e posteriormente para fixá-las) com ou sem acompanhamento sonoro que, ao serem projetadas, dão uma impressão de movimento e estão destinadas à comunicação ou distribuição ao público ou se produzam com fins de documentação. (1980)

Quando se fala na parte do tratamento técnico que mais tem subjetividade e que por consequência disto é mais delicado de se fazer, pensa-se na “indexação”. Para Lancaster (2004), indexar significa fazer uma representação temática dos documentos, ou seja, indicar

do que se trata o documento e resumir o seu conteúdo. Toda área do conhecimento bem como distintos formatos impressos, como jornais, leis, etc. suscitam problemas de indexação. Mais relevantes são as questões que surgem ao sairmos do texto impresso para outros formatos.

A indexação de imagens, mais especificamente a imagem em movimento, é considerada uma área difícil, pois abarcam campos como tecnologia da fala, visão computacional e compreensão de documentos, que ultrapassaram em muito o escopo da maioria das aplicações de indexação.

José Filho (2004 p.2) comenta que,

Essas questões têm atraído a atenção de novos interessados, tanto os preocupados com o conteúdo informacional das imagens, quanto aos interessados em desenvolver formas automatizadas de descrição e acesso às imagens e destaca ainda que o grande desafio é representar a imagem com finalidade documental, propiciando a sua recuperação apropriada em resposta a uma demanda cada vez mais especializada do usuário. (FILHO, 2004, p.2)

O passo chave para todos os sistemas de indexação de imagens é o de saber identificar objetos e calcular as características das mesmas, além de encontrar operadores que realizem esta tarefa mais adequadamente. Muitas técnicas são usadas na tentativa de obter uma representação adequada das imagens que viabilize o processo de recuperação e uma delas é o tratamento técnico que inclui também a escolha certa de um software.

Johanna Smit (1996) aborda aspectos interessantes para serem analisados quando está sendo realizada a indexação de imagens, que podem ser absolutamente utilizáveis em qualquer tipo de análise documentária: segundo a autora, as categorias QUEM, ONDE, QUANDO e COMO/O QUÊ, utilizadas por muitos estudiosos como parâmetro para a análise de textos, inclusive a documentária, é também preconizada para a análise documentária de imagem. QUEM seria a identificação do ser enfocado, ONDE é o local em que a imagem foi gerada, QUANDO é o tempo, ou seja, o ano, mês ou dia e COMO/O QUE aborda o assunto da imagem.

A imagem possui característica própria de polissemia que dificultam sua classificação de forma eficiente. O acesso às imagens tem sido tradicionalmente indicado por sistemas de classificação baseados em palavras ou “indexadores descritores” na forma de vocabulários controlados, conhecidos como *tesauros* além da escolha de *palavras-chave* voltadas essencialmente para a descrição semântica de conteúdos informacionais, sendo esta última mais utilizada para a indexação e classificação das imagens em movimento.

Assim sendo, cabe à Ciência da Informação indicar os caminhos para o acesso mais eficiente a essas imagens enquanto documentos informacionais em seus Sistemas de Recuperação de Informação, SRIs.

4 A TELEVISÃO

Atualmente a televisão é caracterizada como o veículo de comunicação em massa que consegue reunir em torno de si uma audiência de milhões de pessoas, tanto em cada país isoladamente quanto em todo o mundo. O aparecimento da televisão deve-se em grande parte a cientistas, visionários e homens de idéias muito avançadas.

A história da televisão começa no início do século XIX,⁴ quando os cientistas já estavam preocupados com a transmissão de imagens à distância. E foi com a invenção de Alexander Bain, em 1842, que se obteve a transmissão telegráfica de uma imagem (fac-símile) atualmente conhecida como fax, conforme figura 1.

Em 1817, o químico sueco Jons Jacob Berzelius descobriu o selênio. Mas só 56 anos depois, em 1873, é que o inglês Willoughby Smith comprovou que o selênio possuía a propriedade de transformar energia luminosa em energia elétrica. Através desta descoberta conseguiu-se realizar a transmissão de imagens por meio da corrente elétrica.

Em 1884, o alemão Paul Nipkow, inventou um disco com orifícios em espiral, conhecido como “disco de Nipkow”,⁵ conforme figura 2, com a mesma distância entre si que fazia com que o objeto se subdividisse em pequenos elementos que juntos formavam uma imagem.

No ano de 1892 Julius Elster e Hans Getiel inventaram a célula fotoelétrica. Em 1906 Arbwehnelt desenvolveu um sistema de televisão por raios catódicos, sendo que o mesmo ocorreria na Rússia por Boris Rosing. O sistema empregava a exploração mecânica de espelho somada ao tubo de raios catódicos.

Em 1920 realizaram-se as verdadeiras transmissões, graças ao inglês John Logie Baird, através de um sistema mecânico baseado no disco de Nipkow. Quatro anos depois, em 1924, John Baird transmitiu contornos de objetos à distância e no ano seguinte fisionomias de pessoas. Já em 1926, John Baird, fez a primeira demonstração no Royal Institution em Londres, para a comunidade científica e logo após assinou contrato com a British Broadcast Corporation - BBC para transmissões experimentais. O padrão de definição possuía 30 linhas e era mecânico.

No ano de 1923, o russo Vladimir Zworykin patenteou o Iconóscopio, invento que utilizava tubos de raios catódicos, conforme figura 3. Também Philo Earsworth em 1927

⁴ Informações adaptadas obtidas na Enciclopédia Barsa. (1995, p.60-66).

⁵ Disco giratório com pequenos orifícios de 0,02mm de diâmetro, dispostos em espiral, que permitiam a passagem da luz, decompondo a imagem em uma seqüência de linhas paralelas.

patenteou um sistema dissecador de imagens por raios catódicos, mas com uma resolução pouco satisfatória. Zworykin foi convidado pela Radio Corporation of America - RCA para encabeçar a equipe que viria a produzir o primeiro tubo de televisão chamado Orticon, no qual passou a ser produzido à escala industrial a partir de 1945.

Em Março de 1935, a Alemanha foi o primeiro país a oferecer um serviço de televisão pública, adotando um padrão de média definição com 180 linhas e 25 quadros por segundo. No mesmo ano, mas em Novembro a França iniciou as suas transmissões, sendo a torre Eiffel o posto emissor.

A BBC foi inaugurada em 1936, na Inglaterra, com uma imagem composta por 240 linhas, padrão mínimo que os técnicos chamavam de “alta definição”, por garantir uma boa qualidade e nitidez.



FIGURA 1 - Telégrafo de Bain



FIGURA 2 - Disco de Nipkow



FIGURA 3 - Iconoscópio

No Brasil, a história da televisão começa oficialmente em 1950, sendo ele o quinto país a possuir uma emissora de televisão, depois dos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Países Baixos e França.

A primeira emissora de televisão no Brasil foi a Tupi de São Paulo, inaugurada em setembro de 1950. Em Janeiro de 1951 foi instalada a segunda emissora brasileira, a Televisão Tupi do Rio de Janeiro. No ano seguinte inaugurou-se a TV Paulista e em 1953, a Record de São Paulo.

O ano de 1956 constitui o marco do início da penetração da TV em todo o território nacional. Em 1961 o Brasil já tinha uma audiência formada por 980.000 aparelhos.

4.1 A DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL NA TELEVISÃO

Atualmente a televisão é considerada um meio de grande explosão informacional e o “surgimento dela trouxe uma nova etapa na evolução da documentação audiovisual” (HIDALGO, 2003, p.234).

De acordo com Eulália Pujol,

Os meios de comunicação em massa são instrumentos básicos de difusão. Devem informar de forma veraz e objetiva a um público variado e amplo, e é o instrumento por excelência que permite situar e analisar em seu contexto os feitos recentes da história atual (...), são fontes de informação e, independentemente da diversidade de formas, audiências, periodicidade, etc (...). (PUJOL, 200- p.135)

Para Alicia Santamaria,

Os materiais produzidos e conservados em uma emissora de rádio e televisão tem um importante valor econômico visto que podem ser explorados em diversos contextos: 1) Remissão de programas; 2) Reutilização de fragmentos (imagens, cortes de voz, fragmentos musicais...) em novas produções; 3) Comercialização de programas completos ou fragmentos como imagens de arquivos; 4) Como fonte de informação. (SANTAMARIA, 200- p.149 *Grifo nosso*).

Eulália Pujol (200- p.136) destaca ainda que “uma boa documentação é base imprescindível para que a tarefa informativa adquira um bom nível, tanto qualitativa como quantitativamente”.

A documentação em meios de comunicação tem características específicas que diferenciam claramente da documentação em outros âmbitos da informação segundo Pujol (200- p. 136) no quais são:

- Dualidade na origem das fontes;
- Multiplicação constante de informação heterogênea;
- Rapidez na resposta;
- Obsolência da informação;
- Dicotomia texto-imagem;
- Diversificação de usuários;

Sendo que suas funções principais são:

- Proporcionar fontes concretas para poder comprovar rapidamente um feito ou uma data;
- Ter materiais suficientes para situar os distintos temas em seu contexto;
- Atuar como “fontes de inspiração”;

Segundo Alicia Santamaria,

Os serviços de documentação dos meios de comunicação têm dupla função: 1) Constituir o próprio arquivo, assegurando conservação e o tratamento documental da produção do meio; 2) Proporcionar a informação documental necessária, de diferentes origens e qualquer suporte, para enriquecer o produto informativo. (SANTAMARIA, 200-)

Paloma Hidalgo (2003 p. 3) complementa que estes tipos de documentos têm dupla origem, 1) São produzidos ou gerados pela própria empresa; 2) Adquiridos por uma empresa de fora para produção e emissão.

4.2 O TRATAMENTO TÉCNICO DA DOCUMENTAÇÃO AUDIOVISUAL EM TELEVISÃO

Os meios de comunicação em especial a televisão formam um arquivo documental muito valioso que deve ser organizado e tratado. A quantidade de informação produzida por estes meios é bem significativa e conseqüentemente muito dispersa, que precisa de técnicas documentais mais adequadas para que possam ser usadas de forma retrospectiva para melhor satisfazer as demandas dos usuários, dentre eles os jornalistas, editores, produtores etc.—os mais importantes - mas também investigadores estudiosos ou o público em geral que requer informação.

Carlos Alberto Nogueira et. al complementa que:

A produção de imagens para a televisão e o vídeo envolve em seu processo a geração de um grande número de gravação de cenas — *material bruto*. Na edição, apenas algumas cenas são aproveitadas. As gravações não utilizadas ou parcialmente utilizadas devem receber tratamento técnico visando a sua busca e recuperação para a reutilização em outras produções audiovisuais, e em atividades de ensino, pesquisa e extensão, gerando estoques de informação. (Nogueira et. al 2008 p. 2)

Mabel Rayo explica que a documentação audiovisual em emissoras de televisão passa pelas seguintes etapas desde o momento que chega a um centro de documentação até o seu destino final, para que seja recuperado de forma rápida e precisa. Estas fases são:

1. Registro
2. Seleção
3. Análise Documental
4. Recuperação da informação
5. Empréstimo
6. Conservação

Se colocarmos estas etapas em um fluxograma o resultado será este, segundo Mabel Rayo (2007 p.26):

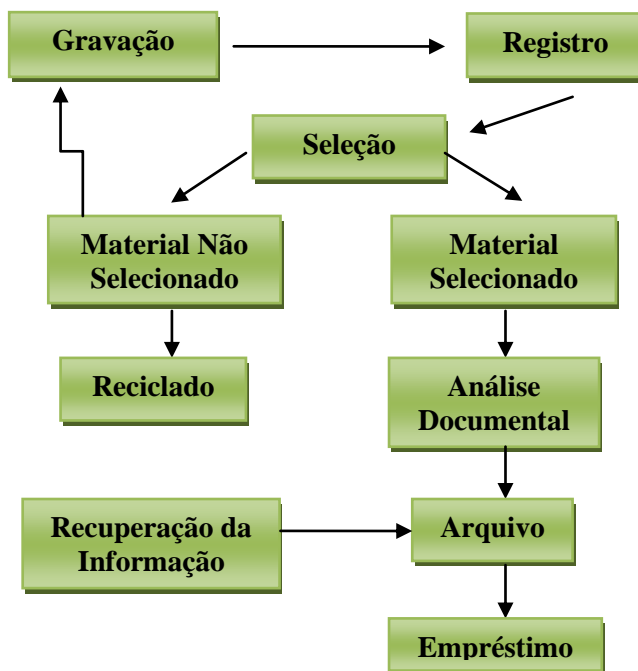


FIGURA 4 – O processo de tratamento técnico do material audiovisual em televisão.

Fonte: Livro -Documentación audiovisual de televisión: la selección del material (Mabel G. Rayo 2007)

Em geral, o tratamento técnico da documentação audiovisual em televisão apresenta diferenças quanto a sua procedência (informativo ou programa) e o tipo de gravação (bruto ou editado) e este tipo de diferenciação se dá na primeira etapa, ou seja, o registro do documento.

O fluxo apresentado por Rayo (2007) que foi mostrado na figura 4, seria o ideal se todos os centros de documentação de televisão o seguissem. Infelizmente não é isto que acontece na maioria deles, principalmente nas emissoras de televisão brasileiras onde pouco se sabe que existe um fluxo de tratamento técnico para esta documentação, correndo o risco de muito material já ter sido perdido.

Dentre as etapas apresentadas, a seleção, análise documental e conservação são consideradas as mais importantes. Elas são consideradas pela maioria dos autores nesta área como o tripé de todo o tratamento técnico. Apresentaremos as etapas do tratamento técnico e o porquê da sua importância.

4.2.1 Seleção documental

Definir “seleção documental” não é uma tarefa muito complicada, mas praticá-la em um Centro de Documentação sim, principalmente quando se fala em ambiente televisivo, onde a quantidade de material é muito grande.

Para López Hernandez (1999 apud Rayo, 2007 p. 79) “a seleção documental é toda ação que tem por objetivo avaliar, discriminar e, em consequência, filtrar (escolher e/ou filtrar) um documento (...)”, ou seja, é uma operação no qual se elegem, dentre todos os outros documentos existentes, aqueles que mais interessam a um serviço.

Em uma emissora de televisão, a seleção documental é um procedimento regular de avaliação, segundo Rayo (2007 p.80). Para Hidalgo (2003 p. 2), esta seleção é uma tarefa importante que deve ser precedida pela existência de uma política clara a respeito da entidade ou organismo em que se encontra o serviço de documentação.

Para uma seleção documental ser realizada com êxito, é preciso seguir alguns critérios básicos, como cita Rayo (2007),

1. Deve ser um procedimento regular;
2. A avaliação do material é fundamental
3. A avaliação do material deve ser feita em função de parâmetros previamente estabelecidos;
4. A seleção deve se adequar tanto aos objetivos como às necessidades da empresa;
5. A seleção deve ser feita preferencialmente sobre o material original;
6. A seleção deve ser feita por bibliotecários e/ou documentalistas.

A Federação Internacional de Arquivos de Televisão – FIAT (1981) recomenda manter todo o material, porém na prática isto se torna inviável devido aos altos custos de processamento de documentos e também da preservação, além dos próprios problemas de armazenamento, principalmente pela falta de espaço. É por este motivo que é necessário ser seletivo, em resposta às possibilidades de re-exploração dos recursos e bens da mesma natureza.

4.2.2 Análise Documental

A segunda etapa importante do tratamento técnico. Consiste na extração das informações mais relevantes que serão utilizadas na localização *a posteriori* das mesmas. É considerado um procedimento análogo à indexação e classificação em categorias no qual se permite a recuperação dos dados. Para Conesa(1995) apud Rayo (2007), a análise documental é “uma ferramenta fundamental para a reutilização do material”.

Mabel Rayo(2007) enfatiza que os principais elementos que devem ter em uma análise documental são:

- Código de tempo ou *Time Code*;
- Descrição da cena;
- Duração das cenas;

Outros elementos podem ser acrescentados quando necessário tais como a cor da imagem, iluminação, movimentos da câmera, efeitos óticos, dentre outros, complementam a análise, mas não precisam necessariamente ser acrescentados, variando de centro de documentação para centro de documentação.

4.2.3 Conservação

O terceiro do tripé do processamento técnico é considerado m item muito importante, pois é ele que garante que um documento seja reaproveitado no futuro, servindo de garantia para gerações futuras (HIDALGO, 2005, p.161). Um documento bem conservado e bem armazenado tem longa duração e conseqüentemente menos despesas para o Centro de Documentação da emissora.

Segundo Paloma Hidalgo,

Os documentos audiovisuais têm um suporte material muito instável, que necessitam de condições estritas de armazenamento e conservação que normalmente geram custos de gestão e mantimento dos serviços de documentação. (HIDALGO, 2005, p. 163).

Uma boa conservação inclui o armazenamento, ou seja, um armário adequado para o tipo de suporte; devem ter boa localização de forma que não precise transportar o documento em longas distâncias o que provavelmente inclui mudanças bruscas de temperatura e também a perda do material.; iluminação adequada, tomando cuidado para que a luz do sol não incida diretamente sobre o material.; o controle de temperatura e umidade.;

controle de pragas e a instalação de um detector de incêndios. Um centro de documentação que segue essas regras da conservação terá o seu material durando muito tempo, permitindo assim futuras gerações possam conhecer a história documentada.

5 A TV UFG



FIGURA 5 – Logo da TV UFG

5.1 HISTÓRICO

A história da TV UFG⁶ começa em 1962 quando a Universidade Federal de Goiás - UFG solicitou a concessão de uma emissora de rádio, a Rádio Universitária, neste mesmo período, fez também o pedido de uma emissora de televisão. A concessão radiofônica foi outorgada à Universidade, mas a televisiva não. Mais tarde, nas décadas de 70 e 80, a UFG teve a oportunidade de ocupar dois canais, o 13 e o 11, mas não conseguiu reunir os recursos financeiros necessários para colocar a emissora no ar e em funcionamento. O Canal 13 foi então incorporado ao Estado e o canal 11, a grupos privados.

Em 1996, a Fundação Rádio e Televisão Educativa - RTVE foi instituída com o objetivo de apoiar as ações de radiodifusão, comunicação, educação e cultura da UFG, atendendo inclusive a uma exigência legal no que se refere à área, já que a concessão de radiodifusão no Brasil é pública, mas de direito privado.

No início de 1997, a Fundação RTVE solicitou à Delegacia Regional do Ministério das Comunicações em Goiás a concessão do Canal de retransmissão localizado na frequência 5-E, de televisão, e da Estação de Rádio FM 230-E. Entretanto, em virtude de uma alteração na legislação vigente, que não mais permitia solicitar um Canal retransmissor misto, em 1999 a Fundação RTVE encaminhou um novo pedido ao Ministério das Comunicações para a obtenção da concessão do Canal 5-E.

Em 2003, por meio de uma nota publicada em um jornal local de Goiânia, estudantes da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia denunciaram em sala de aula que o Canal que a Fundação RTVE estava pleiteando desde 1997 havia sido concedido para outra instituição, no caso, a Fundação Ministério Comunidade Cristã, pertencente à Igreja Evangélica Neopentecostal Homônima.

⁶ Informações obtidas no site da Fundação RTVE. Disponível em: < <http://www.rtve.org.br/fundacaortve/index.php> > Acesso em 12 Set. 2010 e também em um documentário institucional sobre a TV UFG, disponível no acervo da TV.

De posse desta informação, a direção da Fundação RTVE procurou o Ministério das Comunicações, a fim de tomar ciência do andamento da solicitação de concessão do Canal 5-E, quando recebeu a confirmação da nota publicada na imprensa local. Daquele momento em diante, iniciava-se um enredo de conflitos que mobilizou a sociedade civil e movimentou entidades democráticas de todo o país em defesa do Canal de televisão da UFG.

Em um curto período de tempo, foi constituído o Fórum em Defesa do Canal Educativo para a UFG, integrado por mais de vinte entidades e parlamentares. Uma das atividades mais marcantes do fórum foi a convocação de uma sessão extraordinária da Assembléia Geral Universitária, que reúne todos os órgãos máximos de deliberação da UFG, realizada juntamente com uma Audiência Pública da Câmara Municipal de Goiânia, no auditório desta Instituição, com ampla participação da sociedade civil e de políticos e autoridades, como forma de protesto à perda do Canal 5-E.

A partir deste dia, o protesto ocupou espaço na imprensa local e nacional, cujo foco era o conflito entre a referida igreja e a UFG, considerado, por muitos veículos e jornalistas, um afronta ao interesse público e à democracia.

Deste movimento foi impetrada uma ação junto ao Ministério Público Federal, solicitando à Justiça a suspensão da concessão do Canal 5-E, por suspeita de ferir o interesse público. O Procurador da República em Goiás acatou a proposta e entrou com uma ação civil pública junto à 2ª Vara de Justiça Federal, obtendo aprovação preliminar. Este processo até hoje tramita no judiciário.

Após constatar a perda definitiva do Canal 5-E, a Fundação RTVE solicitou junto ao Ministério das Comunicações um pedido de outro Canal, o 14-E UHF, que estava programado para ser apenas um repetidor. Atendendo a uma solicitação da direção da Fundação, em 2004 o Ministério das Comunicações solicitou à Anatel a mudança técnica do Canal de repetidor para emissor, o que possibilita à TV UFG não só retransmitir conteúdos, como também gerar conteúdos.

Em maio de 2004 foi publicado no Diário Oficial da União o Decreto Presidencial que concedeu o Canal 14-E para a Fundação RTVE. O passo inicial para a efetivação da TV UFG estava consolidado.

Contando com o apoio indiscutível da Universidade Federal de Goiás, a partir de 2006 as providências para colocar o Canal 14 no ar começaram a ser tomadas. Os equipamentos de transmissão foram adquiridos, uma nova sede para a Fundação RTVE, que até então funcionava em uma sala na Rádio Universitária foi viabilizada no Câmpus Samambaia da UFG, próximo à Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, um convênio com a Agência

Goiana de Comunicação - AGEKOM/TBC foi firmado, possibilitando a instalação do parque de transmissão na mesma torre e espaço físico ocupado pelos veículos da AGEKOM no Morro do Mendanha, em Goiânia. Outros convênios foram celebrados, a equipe diretiva da TV UFG começou a ser estruturada e a emissora foi inaugurada no dia 14 de dezembro de 2009, data na qual a UFG completou 49 anos de existência e a luta pelo Canal de televisão, 47 anos.

Desde a sua criação, a Fundação RTVE apoiou diversos projetos das áreas de comunicação, educação e cultura, tanto da UFG, quanto da sociedade goianiense, contribuindo, de forma significativa, para a melhoria da educação e para a democratização do acesso a produtos culturais, principalmente por meio da radiodifusão pública.

Logo abaixo será mostrado o organograma da Fundação RTVE.

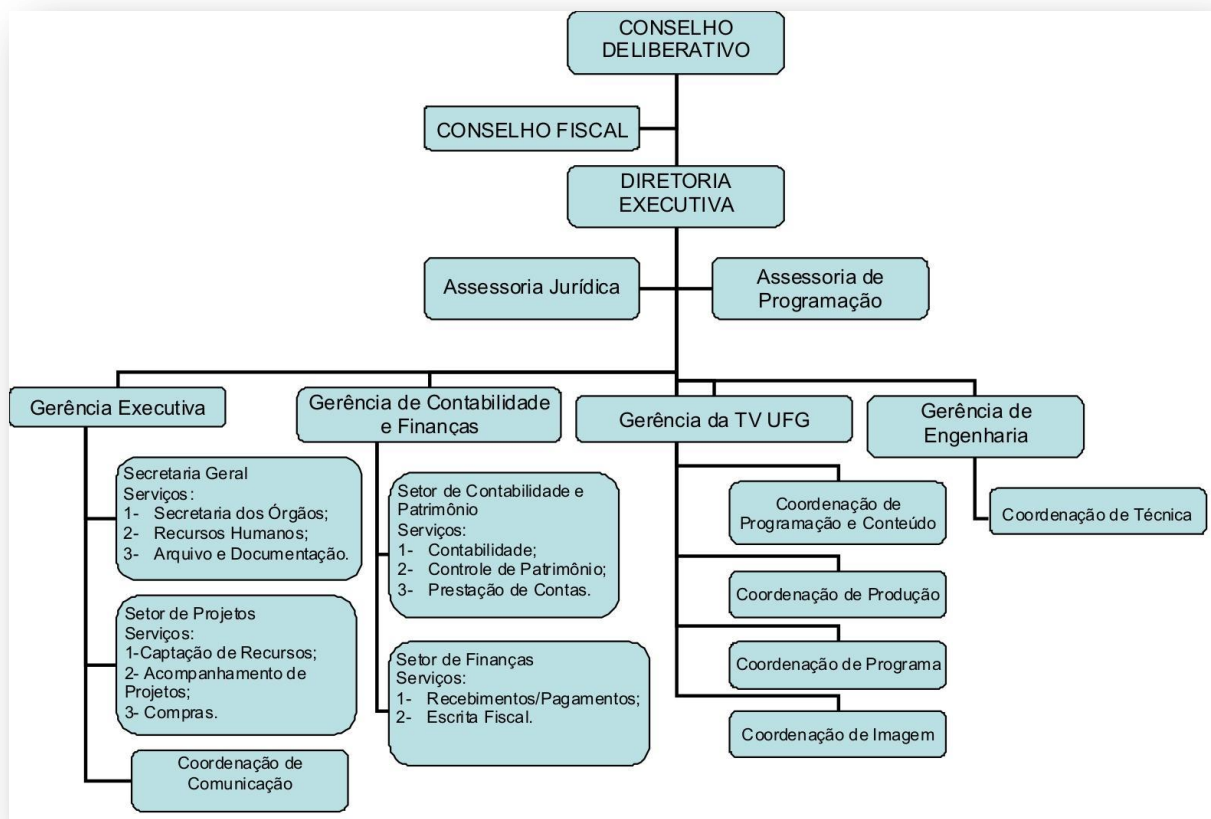


FIGURA 6 – Organograma da estrutura organizacional da Fundação Rádio e Televisão Educativa – RTVE.

Fonte: Homepage da Fundação Rádio e Televisão Educativa – RTVE. Disponível em: <www.rtve.org.br>

Acesso em: 24 Out.

5.2 ESTRUTURA ATUAL

Hoje, a TV UFG está situada no terceiro andar do edifício da FACE – Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Economia. Possui uma ilha de edição, uma de produção e roteiros dos programas.



FOTOGRAFIA 1 - Prédio da FACE/UFG.



FOTOGRAFIA 2 – Iha de Edição da TV UFG.



FOTOGRAFIA 3 – Ilha de Produção da TV UFG.

5.3 RECURSOS HUMANOS

No período da pesquisa que foi entre Abril a Outubro de 2010, TV UFG possuía 28 funcionários, mas como o objeto de pesquisa foi direcionado para a produção audiovisual, a TV ela possuía 15 funcionários nesta área, sendo 4 editores (3 de imagem e 1 de multimídia), 4 roteiristas/jornalistas, 1 apresentadora, 2 assistentes de direção (a apresentadora também é assistente), 1 produtora, 1 coordenador de produção , 1 coordenador de imagem e três estagiários, sendo um do curso de Biblioteconomia, um do curso de Letras e outro do curso de Publicidade e Propaganda.

A maioria dos funcionários trabalhava na TV a menos de oito meses. Somente o coordenador de imagem e a coordenadora de produção trabalhavam a mais de um ano e a maioria também possuía o Ensino Médio completo. Dentre estes quatro funcionários trabalhavam em outra empresa de comunicação.

5.4 RECURSOS TECNOLÓGICOS

Quanto aos recursos tecnológicos a TV UFG dispõe de seis computadores da marca *Apple/IMAC* que são utilizados para a edição e captura das imagens armazenadas no suporte denominado fitas mini-dvs; cinco computadores que são utilizados pelos produtores e roteiristas dos programas e documentários.

Além dos computadores, a TV UFG também dispõe de dois monitores e dois *decks* conforme mostram as fotografias 4,5 e 6, que são utilizados para assistir o conteúdo das fitas e também realizar a decupagem das informações.

Até o encerramento da pesquisa não tinha adquirido um software adequado para a recuperação de toda a informação audiovisual.



FOTOGRAFIA 4 – Deck.



FOTOGRAFIA 5 - Monitor 1.



FOTOGRAFIA 6 - Monitor 2.

5.5 OS PROGRAMAS

A TV UFG produz um programa que se chama “Faz o Quê?” no qual é voltado para o público de Ensino Médio disponibilizando informações sobre os cursos existentes no âmbito da UFG com possibilidade de expandir para outras universidades do estado de Goiás como a Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/GO e Universidade Estadual de Goiás – UEG. É considerado o “carro-chefe”, ou seja, aquele que demanda maior tempo na produção e na editoração. Sua exibição é feita todas as Quartas-Feiras às 19:00h com reprise aos Sábados e aos Domingos às 15h30min.

A TV UFG também produz os chamados “Interprogramas” no qual o próprio nome já diz, é um pequeno programa de no máximo 2 min. que é exibido entre um programa e outro. A TV UFG produz dois “Interprogramas”, o “Conhecendo a UFG” com duração de 30s e também o “Ei! – Se Liga da UFG” com duração de 1min e 30s.

Além destes que são os que mais demandam a produção, existem ainda os documentários produzidos, recentemente foi ao ar um Documentário sobre a “Mobilidade Urbana Sustentável” no qual fala sobre a situação do trânsito na grande metrópole. Complementando, a TV UFG também produz as chamadas Vinhetas⁷ e também os shows que foram produzidos pelo “Projeto Música no Campus” no qual a UFG traz para a universidade vários cantores renomados no Brasil.

⁷ Filme, som ou texto geralmente curtos que identificam uma emissora de rádio, tv. São em geral veiculados entre intervalos de programas, no início ou fim deles.

6 METODOLOGIA

A presente pesquisa e trabalho foram divididos em três partes: na primeira buscou-se fazer uma revisão bibliográfica, sobre o que é a imagem, o que é a documentação audiovisual e como ela está sendo utilizada e organizada em ambiente televisivo além do papel do profissional da informação nesse novo campo de trabalho. Para isso, foram utilizados artigos de renomados autores nacionais e internacionais na área de documentação audiovisual e documentação audiovisual de televisão dentre eles Johanna Smith, Miriam Paula Manini, Paloma Hidalgo, Mabel Giménez Rayo entre outros. Além de teses e dissertações de mestrado, livros, monografias, etc.

Na segunda parte do trabalho, buscou-se fazer um diagnóstico da TV UFG, incluindo seu histórico, sua estrutura, recursos humanos e tecnológicos. Para isso foi utilizado o site da Fundação Rádio e Televisão Educativa – FRTVE, pois o site da TV UFG está em processo de atualização, um documentário institucional da TV e também foram aplicados questionários à equipe de profissionais da TV (Apêndice A), mais especificamente os da edição e produção dos programas. E o resultado das respostas obtidas foram abordadas e comentadas nos itens da TV UFG, no processo de tratamento técnico e no banco de imagens.

Na terceira parte do trabalho foi feita uma análise da documentação audiovisual da TV UFG, como ela está organizada e armazenada, para propor um tratamento técnico adequado, incluindo a escolha de um software para suprir as necessidades informacionais da equipe responsável pela produção dos programas além de contribuir para a preservação da memória da instituição. Nesta fase da pesquisa foram feitas visitas em diversos Centros de Documentação de Televisão, tais como o Banco de Imagens da TV UNB, o Centro de Documentação Multimídia da TV Senado, o CEDOC da Organização Jaime Câmara, a prática da bolsa e do estágio que foi realizado no ano de 2010, além de diversas reuniões realizadas com profissionais das áreas de Arquivologia, Tecnologia da Informação no âmbito da Universidade Federal de Goiás.

Nas pesquisas pela escolha do software foram feitas visitas no Centro de Informação, Documentação e Arquivo – CIDARQ/UFG, o Laboratório de Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais – LABTIME/UFG e o Centro de Recursos Computacionais – CERCOMP/UFG.

7 O TRATAMENTO TÉCNICO : RESULTADOS

O processo de tratamento técnico da documentação audiovisual, em particular as imagens em movimento brutas do acervo da TV UFG, transcorreu paralelamente com a bolsa-estágio e o estágio obrigatório no ano de 2010, sendo o último no segundo semestre do mesmo ano.

O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008 p.293) define:

Tratamento técnico [sinônimo de processamento técnico] como um conjunto de atividades às quais um documento é sucessivamente submetido até ser considerado pronto para ser incluído no acervo [...], envolvem dentre outras o número de registro, catalogação, classificação e indexação.

A proposta do tratamento técnico surgiu após ter sido feita uma análise da documentação audiovisual como um todo, no qual incluiu uma reunião com o coordenador de imagem Michael Valim, a coordenadora de produção, Vanessa Bandeira ambos da TV UFG e a professora doutora orientadora Maria de Fátima Garbelini. Através desta análise foi tirada a conclusão que a situação em que se encontrava todo o acervo não estava adequada.

O tratamento técnico de toda a documentação foi dividido em quatro fases. São elas: a análise do acervo audiovisual, a decupagem das fitas, a elaboração de novas etiquetas e por fim o armazenamento e conservação de toda a documentação. A seguir será relatado como foi cada fase.

7.1 A ANÁLISE DO ACERVO AUDIOVISUAL

A princípio não havia uma organização e a informação demandava muito tempo para ser localizada, necessitando assim, de uma catalogação e descrição a fim de serem mais rapidamente recuperadas.

Toda a informação audiovisual estava armazenada em um suporte denominado *Fitas Mini-Dvs*, conforme mostra a fotografia 7, não havendo um documento com uma descrição detalhada de toda a informação, somente um breve resumo escrito à mão do conteúdo existente na etiqueta original que vinha com o suporte.



FOTOGRAFIA 7 – Fitas Mini-Dvs.

Em princípio, estes suportes estavam armazenados e localizados em 2 armários – gaveteiros, conforme mostra a fotografia 8 e não havia uma ordem sequencial para os mesmos.



FOTOGRAFIA 8 – Armários Gaveteiros.

Antes de iniciar o tratamento técnico da documentação, uma pesquisa foi feita com a equipe responsável pelo audiovisual da TV UFG para saber qual informação era mais relevante ao se localizar uma imagem em movimento e o resultado desta pesquisa será relatado mais adiante.

No meio jornalístico e cinematográfico há uma atividade primordial quando se deseja localizar rapidamente uma informação contida em um vídeo ou filme. Esta atividade é denominada de decupagem. Segundo Nogueira (2008 p. 3), “decupar é dividir um filme ou vídeos em planos”.

No tratamento técnico há uma etapa que é a chamada “Análise Documental”, no qual é considerada uma das etapas mais importantes, segundo Mabel Rayo(2007) e que já foi dito anteriormente. A decupagem pode ser considerada como sendo uma análise documental.

Na decupagem há um elemento relevante que permite a localização exata da imagem armazenada no suporte. É o chamado “*time - code*”⁸, que no resultado da pesquisa feita com a equipe da TV UFG foi o elemento considerado mais importante quando se deseja localizar a imagem com precisão sem demandar muito tempo. Esta atividade foi o marco inicial para que se começasse a elaborar o tratamento técnico.

7.2 A DECUPAGEM DAS FITAS

Inicialmente a TV UFG não dispunha de um software para fazer a decupagem das imagens brutas, então, um modelo de ficha de decupagem foi elaborado manualmente pela coordenadora de produção para ser utilizado como base nas decupagens que viriam ser feitas posteriormente. Neste modelo continha as principais informações tais como o *time-code*, a descrição da imagem e o tempo de duração, além do número da fita. De posse deste modelo foi possível elaborar o tratamento técnico e já começar a organizar toda a documentação.

A decupagem foi iniciada pelas fitas dos chamados “Interprogramas”, pois como foi a primeira produção feita pela TV UFG, na época já dispunha de uma grande quantidade de suportes e de informações. Dentre todos os programas que já existiam na época do começo da pesquisa, os “interprogramas” eram os que estavam mais bem organizados, pois já tinham sido feitas uma descrição manualmente da informação nas etiquetas originais do suporte além de já ter sido acrescentado o número da fita, permitindo assim, uma organização seqüencial, porém não havia um documento que contivesse toda esta informação em um só lugar para ser utilizado como pesquisa.

Baseado no modelo de ficha de decupagem já existente foi assistido fita por fita, utilizando o deck e o monitor disponíveis, colocando o time-code, descrevendo a imagem, diferenciando-a de entrevista e por fim acrescentando a duração da mesma. Todo este processo foi sendo feito manualmente. Esta atividade durou até certo tempo, mas com o crescente volume diário de toda a documentação e a necessidade rápida de localização da imagem para ser reutilizada em outro programa, a demanda do tempo era muito grande e a decupagem manual já não estava mais sendo suportada. Foi então que houve a necessidade de

⁸ Sinal gravado na fita no formato de horas, minutos, segundos e frames [quadros] que assinala o ponto do documento em que se localiza a imagem. (RAYO, 2007 p.209)

se elaborar um documento eletronicamente, permitindo assim, o acréscimo de outras informações além das que já foram citadas.

Sendo assim, um modelo de ficha de decupagem foi elaborado no Microsoft Office Word®, conforme figura 7. Neste modelo, as informações como número da fita, time-code, descrição do plano e o tempo de duração foram mantidas e outras foram acrescentadas tais como data de gravação, nome do programa e também o formato digital em que foi gravada a imagem. Este último item foi acrescentado logo após uma pergunta feita ao coordenador de imagem, pois segundo ele, o elemento é relevante no momento em que vai capturar uma imagem, ou seja, transferi-la da fita para o computador. Existem dois formatos digitais que são utilizados nas gravações, que são o formatos HDV⁹ e o DV¹⁰. Ambos os formatos são armazenados em fitas Mini-Dvs. A captura das imagens será o marco inicial para a montagem do banco de imagens no qual será explicado mais adiante.

Feito esta primeira parte, seguiu-se para a decupagem das fitas dos programas “Faz o Quê?”. Foi aberto outro documento no Microsoft Word® e praticamente todos os dados que existiam no documento dos “interprogramas” foram mantidos. Em comparação à organização dos interprogramas com o programa “Faz o Quê?”, este último estava bem menos organizado. Não havia uma ordem seqüencial das fitas e as informações contidas nas etiquetas originais estavam desatualizadas, ou seja, muitas vezes uma informação estava gravada, mas não havia uma indicação de que ela estava na fita.

Antes de realizar a decupagem das fitas dos programas “Faz o Quê?” foi necessário renumerá-las, pois havia muitas fitas com numeração repetida o que não permitia a organização seqüencialmente. Então as fitas foram renumeradas uma por uma para assim poder começar a decupagem.

O mesmo processo de decupagem, tal como foi feito nos “Interprogramas” também foi feita pelos programas “Faz o Quê?”, Vinhetas, Documentários e Shows do “Música no Campus”, mas com um diferencial, os mesmos foram bem mais ágeis, pois a ficha de decupagem já se encontrava disponível eletronicamente permitindo o acréscimo dos dados e a organização mais fácil. A primeira parte do tratamento técnico já estava encaminhada.

⁹ O *High Definition Digital Video* ou simplesmente HDV é um formato de gravação em alta definição que permite um tratamento mais eficiente da imagem gravada quando capturada no computador. Sua desvantagem é que por ser de alta definição ocupa muito espaço no computador e conseqüentemente a demora na sua captura.

¹⁰ O *Video Digital – DV* é um formato que permite registrar vídeos em videocassete digitais sobre uma leve compressão para cada imagem, facilitando a transferência da mesma para o computador por ser de menor tamanho. Não possui uma boa qualidade em relação ao formato HDV. (Fontes extraídas do site <www.fazendovideo.com.br> Acesso em 24 Out. 2010)

Modelo de ficha de decupagem para Faz o Quê?:

Número da Fita: Faz o Quê? 01				
Formato: HDV ou DV		Data: dd/dd/ddd		
Time Code [h,min,s,frames]	Programa	Descrição do Plano	Áudio	Duração
0:00:00:00 (Localização exata da imagem)	Faz o Quê? (nome do curso Ex.: Musicoterapia)	Imagem ou Entrevista (Descrição detalhada do plano e se for entrevista, resumir o que o entrevistado falou Ex.: Laboratório de Musicoterapia)	Se for entrevista	00min

Modelo de ficha de decupagem para Interprogramas:

Número da Fita: TV UFG 05				
Formato: DV ou HDV		Data: dd/dd/ddd		
Time Code [h,min,s,frames]	Interprograma/ Documentário	Descrição do Plano	Áudio	Duração
0:48:02:13 (Localização exata da imagem)	Conhecendo da UFG ou E! se Liga da UFG	Imagem ou Entrevista (Descrição detalhada do plano e se for entrevista, resumir o que o entrevistado falou Ex: Biblioteca Central – setor de recuperação de livros)	Se for entrevista	00min

Modelo de ficha de decupagem para Vinhetas:

Número da Fita: Vinheta 01				
Formato: HDV ou DV		Data: dd/dd/ddd		
Time Code [h,min,s,frames]	Programa	Descrição do Plano	Áudio	Duração
0:00:00:00 (Localização exata da imagem)	Vinheta	Imagens: Gerais da cidade de Goiânia. (Normalmente só aparecem imagens nas vinhetas.		00min

Modelo de ficha de decupagem para Documentários e Shows:

Número da Fita: Semana Santa 01				
Formato: HDV ou DV		Data: 31/03/2010		
Time Code [h,min,s,frames]	Programa	Descrição do Plano	Áudio	Duração
0:00:30:27 (Localização exata da imagem)	Documentário ou Show [Música no Campus]	Imagem ou Entrevista.	Se for entrevista	53min

FIGURA 7 – Modelos de fichas de decupagem elaborados no Microsoft Word®.

7.3 ELABORAÇÃO DE NOVAS ETIQUETAS

Encaminhada a primeira parte do tratamento técnico, houve-se a necessidade de elaborar novas etiquetas para as fitas. Novamente um modelo de etiqueta foi elaborado pela coordenadora de produção no qual também serviu de base para a elaboração das etiquetas que seriam feitas *à posteriori*.

Um modelo de etiqueta foi elaborado no programa de desenho vetorial bidimensional para design gráfico denominado Corel Draw Graphics Suite X4®, conforme mostra a figura 8.

FIGURA 8 – Modelo original de etiqueta elaborado no Corel Draw Graphics Suite X4®.

Baseando no modelo proposto, as etiquetas foram sendo elaboradas. Para cada programa foi elaborado uma etiqueta diferente, devido às informações que foram acrescentadas, como por exemplo, no programa “Faz o Quê?” que possui a informação “apresentador”, diferentemente dos outros programas.

A seguir serão mostrados os modelos de etiquetas que foram elaboradas para cada programa existente. Todas foram baseadas no modelo de etiqueta original. (Figura 9)

<p>tv UFG PGM FAZ O QUÊ? Curso apresentado</p> <p>data: dd/dd/ddd fita n°: 00 n°: BIM</p> <p>Sinopse: <i>*Entrevista:</i> <i>*Imagens:</i></p> <p>tv UFG</p> <p>cinigrafista: produtor(a): apresentadora:</p> <p>fita n°: 00 data: dd/dd/ddd formato: DV ou HDV</p>	<p>tv UFG INTERPROGRAMA</p> <p>data: dd/dd/ddd fita n°: 00 n°: BIM</p> <p>Sinopse: Ei: <i>*Entrevista:</i> <i>*Imagens:</i> CONHECENDO A UFG: <i>*Imagens:</i> <i>*Entrevista:</i></p> <p>tv UFG</p> <p>cinigrafista: produtor(a):</p> <p>fita n°: 00 data: dd/dd/ddd formato: HDV ou DV</p>	<p>tv UFG VINHETA</p> <p>data: dd/dd/ddd fita n°: 00 n°: BIM</p> <p>Sinopse: <i>*Imagens:</i></p> <p>tv UFG</p> <p>cinigrafista: produtor(a):</p> <p>fita n°: 00 data: dd/dd/ddd formato: HDV ou DV</p>
<p>tv UFG DOCUMENTÁRIO</p> <p>data: dd/dd/ddd fita n°: 00 n°: BIM</p> <p>Sinopse: <i>*Imagens:</i> <i>*Entrevistas:</i></p> <p>tv UFG</p> <p>cinigrafistas: produtoras:</p> <p>fita n°: 00 data: dd/dd/ddd formato: HDV ou DV</p>	<p>tv UFG MÚSICA NO CAMPUS Nome do cantor</p> <p>data: dd/dd/ddd fita n°: 00 n°: BIM</p> <p>Sinopse: <i>*ENTREVISTAS:</i> <i>*IMAGENS:</i></p> <p>tv UFG</p> <p>cinigrafistas: produtor(a):</p> <p>fita n°: 00 data: dd/dd/ddd formato: HDV ou DV</p>	

FIGURA 9 – Modelos de etiquetas para cada programa, baseadas no modelo original

Nestas etiquetas, as informações do plano foram acrescentadas bem resumidamente, que por ser de menor tamanho, não comporta informações mais detalhadas. Para consultar as informações de forma mais profunda, como por exemplo, pesquisando sobre qual assunto um entrevistado abordou é necessário consultar o documento elaborado no Microsoft Office Word®, que fica disponível direto para consulta. Na etiqueta há somente o nome do entrevistado. No caso das etiquetas dos interprogramas, a descrição é dividida pelos dois interprogramas existentes, “Ei!” e “Conhecendo a UFG”. Assim foi feita a segunda parte do tratamento técnico da documentação.

7.4 ARMAZENAMENTO E CONSERVAÇÃO

Depois que as fitas passam pelo processo de decupagem e recebem novas etiquetas são encaminhadas para o arquivamento e conseqüentemente a conservação. Todas as fitas são armazenadas nos armários-gaveteiros como foi mostrada anteriormente na fotografia 8 e a organização foi feita seqüencialmente.

Cada armário-gaveteiro possui 4 gavetas. A TV UFG dispõe de 2 armários, totalizando 8 gavetas, sendo 2 para os “Interprogramas” e 2 para o programa “Faz o Quê?”. Cada gaveta comporta cerca de 97 fitas. Como indicação, foi elaborada uma etiqueta com a informação do programa e os números das fitas que existem na gaveta. Por exemplo, nas gavetas do programa “Faz o Quê?” existem fitas de 01-98 e a próxima gaveta começará com a numeração de 99-198. Assim funciona também para os “Interprogramas”. Para as fitas dos Documentários, Vinhetas e Shows é disponibilizado uma gaveta para os mesmos.

Todas as fitas são armazenadas e conservadas à temperatura de 20-25°C, mas não há um equipamento que controle a umidade. Para controlar a umidade é utilizada uma bolsinha de gel, daquelas que vem com equipamentos eletrônicos.

As condições de armazenamento e conservação não são as ideais, mas são o que a TV UFG dispõe. Devido ao crescente volume de toda a documentação, já foi encaminhado um pedido de compra de um armário adequado para suportar a quantidade de fitas, mas até o fechamento desta pesquisa, o mesmo ainda não havia sido adquirido.

Na fotografia 9, pode-se ver como ficam as fitas depois que se é colocada as novas etiquetas e também como ficam armazenadas.





FOTOGRAFIA 9 – Fitas com novas etiquetas e armazenadas.

Através da figura 10, pode-se ter uma noção de como é o ciclo do tratamento técnico desde o momento em que a fita chega de gravação até quando já está pronta para ser arquivada e armazenada.

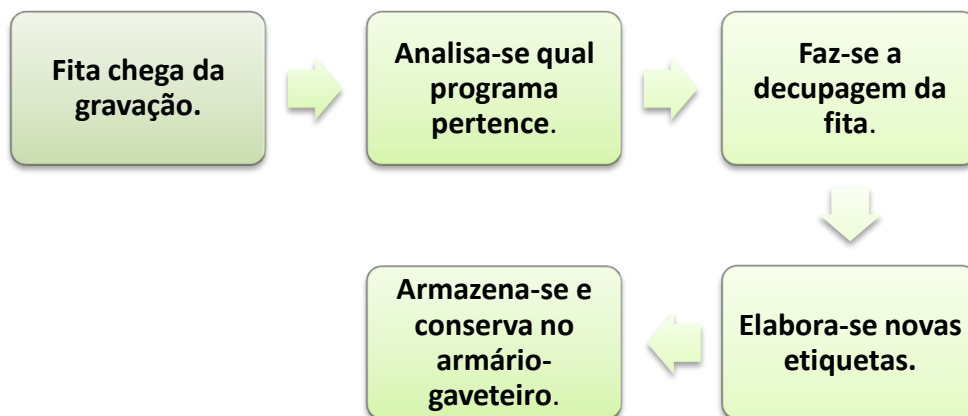


Figura 10 – Ciclo do tratamento técnico pelo qual passa a fita.

Atualmente, o acervo audiovisual da TV UFG é composto de 147 fitas do Programa Faz o Quê?; 154 fitas dos interprogramas; 18 fitas de Vinhetas; 60 documentários; 20 fitas dos shows do “Música no Câmpus” e 10 fitas que não se encaixaram nestes programas mas que passaram pelo mesmo processo de tratamento técnico.

7.4 O BANCO DE IMAGENS

Há mais ou menos 2 meses, foi solicitado pelo coordenador de imagem, Michael Valim a implementação de um banco de imagens. Uma das perguntas feitas nos questionários enviados à equipe da TV UFG foi sobre a importância de implementar um banco de imagens para a TV. A maioria das respostas foi de que a implementação deste banco de imagens é de extrema importância, pois a imagem que está no banco já está pronta para ser utilizada agilizando assim a produção de um programa, não necessitando de produzir uma nova imagem, já sabendo que a mesma se encontra no banco.

Para começar a montar este banco de imagens é necessário que as mesmas que estão armazenadas nas fitas Mini-Dvs sejam transferidas para o computador. Como já foi dito anteriormente, este processo é denominado de “captura”.

Os equipamentos utilizados para a captura destas imagens são os mesmos que são utilizados para a decupagem das fitas, ou seja, um deck e um monitor, além do computador, que neste caso é o *IMAC/Apple*, pois possui maior quantidade de memória no HD. O programa que é utilizado para a captura é denominado de *Final Cut Pro* que somente funciona em equipamentos de marca *Mac/Apple*.

Até o presente momento, a montagem do banco está sendo feita pela captura da fita, como por exemplo, quando vai capturar uma fita de um “inteprograma”, abre-se uma nova pasta com o número da fita e dentro da pasta as imagens especificadas, por exemplo “gerais da Cidade de Goiás”. O processo de implementação do banco de imagens ainda não está totalmente consolidado, ou seja, está na sua fase inicial podendo sofrer mudanças conforme a necessidade informacional da equipe.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A documentação audiovisual vem crescendo consideravelmente no ambiente televisivo e isto acontece devido à televisão ser um recurso tecnológico muito importante na vida dos cidadãos e também devido à quantidade de informação que a mesma produz e muitas vezes as emissoras não têm conhecimento de como tratá-la e organizá-la adequadamente.

Este trabalho e pesquisa tiveram como objetivo mostrar que existem meios de organizar toda esta informação de forma que a mesma possa ser mais rapidamente recuperada e também preservada, pois muitas vezes elas já fazem parte da história da própria emissora. Vale lembrar que para organizar e tratar toda esta informação o papel do profissional bibliotecário é imprescindível, pois ele lida com a informação a todo o momento e é o profissional mais indicado para este tipo de atividade.

Mas, o profissional da informação que escolhe trabalhar em uma emissora de televisão em que há grande explosão informacional, escolhe também estar participando de um grande desafio e não é qualquer profissional que possui o perfil para trabalhar neste ramo de atividade.

Maria de Fátima Garbelini destaca que este tipo de profissional,

Possui diversos desafios, tanto de caráter geral como específico. Entre os primeiros destacam a transição do meio impresso ao meio eletrônico e a crescente competitividade e exigência de rentabilidade e novas tendências na organização do trabalho. (...) e os específicos são a enormidade de informação disponível, elevado número de fontes de informação, a diversidade de tecnologias de tratamento documental existentes e a necessidade de manter uma consciência de valor da memória e acesso universal à informação. (GARBELINI, 2002, p.156)

Com este trabalho e pesquisa pretendeu-se também mostrar que existem outros ramos de atuação do profissional da informação que não somente no âmbito da biblioteca ajudando a quebrar a barreira existente entre a área jornalística e biblioteconômica além de mostrar também que existe “uma carência destes profissionais qualificados por ser um nicho quase inexplorado pela categoria profissional” (PEREIRA; MORAES, 2009, p. 81).

Observou-se que com este trabalho, a organização da informação audiovisual da TV UFG está sendo satisfatória e que as mesmas estão sendo mais rapidamente recuperadas. Além de observar também que os suportes estão visivelmente mais organizados. Ressalta-se também que a atividade do tratamento técnico não pára, pois a cada momento chegam-se mais informações que necessitam passar pelo tratamento, concluindo assim que esta atividade é contínua.

Mas, vale lembrar também que o armazenamento e conservação, como já foi dito anteriormente não são as ideais e que se espera em um futuro próximo adquirir um armário adequado para que os suportes sejam melhor armazenados e conservados, além de adquirir também um software que melhor comporte toda a informação. Um pedido de compra e pesquisas já foi feita para o armário e também para o software. Para este último, como já foi dito na metodologia do trabalho, visitas no Centro de Informação, Documentação e Arquivo – CIDARQ/UFG, o Laboratório de Tecnologia da Informação e Mídias Educacionais – LABTIME/UFG e o Centro de Recursos Computacionais – CERCOMP/UFG foram feitas para pesquisar um software que melhor comportasse as necessidades informações da equipe, mas até o fechamento deste trabalho não foi adquirido este software, sendo que as pesquisas para adquiri-lo continuam.

A TV UFG ainda é uma empresa de comunicação relativamente nova e está em crescimento e o processo de organização da informação audiovisual está crescendo junto com ela. Ainda tem muitas coisas a serem melhoradas, mas só de estar observando que o começo desta organização está visivelmente satisfatória já é um grande passo feito na história desta jovem empresa que tanto contribui para disseminar o conhecimento produzindo programas de cunho educacional e cultural dentro e fora do âmbito da Universidade Federal de Goiás.

REFERÊNCIAS

- ARELLANO, Miguel Angel. Preservação de documentos digitais. **Ciência da Informação**, Brasília,DF, v.33, n.2, p.15-27, maio/ago.2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v33n2/a02v33n2.pdf> > Acesso em: 11 Abr. 2010.
- CUNHA, Murilo Bastos da.; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia**, Brasília,DF: Briquet de Lemos, 2008. 449 p.
- CIRNE, Maria Teresa; FERREIRA, Sônia Maria. A ética para os profissionais da informação audiovisual: o dever tecnológico a moldar uma atitude. **Cadernos de Biblioteconomia Arquivística e Documentação – BAD**, Lisboa, Portugal, n.001, p.115-129, 2002. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/385/38505210.pdf> > Acesso em: 20 Set. 2010.
- ENCICLOPÉDIA Barsa. São Paulo: Encyclopaedia Britannica do Brasil, 1995. v.15.p.60-64.
- FAZENDO VÍDEO: Produção de vídeo semi-profissional – dicas e informações técnicas. Disponível em: <http://www.fazendovideo.com.br/> > Acesso em: 24 Out. 2010.
- FILHO, José Estorniolo. **A representação da imagem**: indexação por conceito e por conteúdo. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Escola de Comunicação e Artes, ECA, Universidade de São Paulo, São Paulo,2004. Disponível em: < <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/Estorniolo-Imagem.pdf> > Acesso em: 14 Ago. 2009.
- FUNDAÇÃO RÁDIO E TELEVISÃO EDUCATIVA (FRTVE). Disponível em: < <http://www.rtve.org.br> > Acesso em: 24 Out. 2010.
- GARBELINI, Maria de Fátima. El trabajo del documentalista y la gestión de la información en los medios de comunicación: nuevos retos y tareas profesionales.**SCIRE Representación y Organización del conocimiento**, Espanha, v.8,n.2, p.153-158, jul./dez.2002.
- IFLA. **Directrizes para materiais audiovisuais e multimedia em bibliotecas e outras instituições**. Tradução Maria Inês Cordeiro.1.ed. Portugal, 2005. Disponível em: < <http://archive.ifla.org/VII/s35/pubs/avm-guidelines04-pt.pdf> > Acesso em: 09 Abr. 2010.
- HIDALGO GOYANES, Paloma. La documentación audiovisual de las televisiones. La problemática actual y el reto de la digitalización. **Documentación de las Ciencias de la Información**, s.l, v.28,p.159-171, 2005. Disponível em: < <http://revistas.ucm.es/inf/02104210/articulos/DCIN0505110159A.PDF> > Acesso em: 26 abr.2010.
- _____. La selección de documentos audiovisuales en televisión: la selección en TVE. **Documentación de las Ciencias de la Información**, s.l, v. 26, p.233-260, 2003. Disponível em: < <http://revistas.ucm.es/inf/02104210/articulos/DCIN0303110233A.PDF> > Acesso em: 15 Abr. 2010.
- _____. Análisis documental de audiovisuales. In: GUTIÉRREZ, Antônio García (Ed.). **Introducción a la Documentación Informativa y Periodística**. 1. ed. S.l: MAD, 1999. Cap. 11.

_____. Documentación audiovisual. In: GUTIÉRREZ, Antônio García (Ed.). **Introducción a la Documentación Informativa y Periodística**. 1. ed. S.l.: MAD, 1999. Cap. 16.

LANCASTER, F.W. Bases de dados de imagens e sons. In: _____. **Indexação e Resumos: Teoria e Prática**. 2. ed. Brasília,DF: Briquet de Lemos, 2004. Cap. 13.

MACAMBYRA, Marina. Uma metodologia para tratamento de documentos audiovisuais. In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

MANINI, Miriam Paula. **Análise documentária de fotografias**: um referencial de leitura de imagens fotográficas para fins documentários. 2002. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicação e Artes, USP, São Paulo, 2002.

MATTOS, Sérgio. História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política. Ed. Vozes, 2ª Ed. 2002. 247p.

PUJOL, Maria Eulália Fuentes i. Características generales de la documentación periodística y características específicas de los medios de comunicación escritos. In: _____. **Manual de documentación periodística**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 1995. Cap. 7.

NOGUEIRA, C.A.A.; FERREIRA, M.A.P.; FONSECA, M.T. Pedagogia do olhar: oficina permanente para tratamento técnico de imagem em movimento. In: XV SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 2008, Campinas **Anais eletrônicos...** São Paulo: Unicamp, 2008. Disponível em: <
<http://www.sbu.unicamp.br/snbu2008/anais/site/pdfs/2638.pdf> > Acesso em: 18 Set. 2010.

PEREIRA, Demian Alves; MORAES, Paulo José Medeiros. **Recuperação de informação jornalística audiovisual utilizando linguagem documentária**: estudo de caso da TV Globo Brasília. 2009. 87p. Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Faculdade de Economia Administração Contabilidade e Ciência da Informação e Documentação – FACE Departamento de Ciência da Informação e Documentação – CID, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2009. Disponível em: <
http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/622/1/2009_DemianPereira_PauloJoseMedeirosMorae s.pdf > Acesso em: 24 Out. 2010.

RAYO, Mabel Giménez. **Documentación audiovisual de televisión**: la selección del material. 1. ed. Espanha: Trea, 2007. 214p.

RODRIGUES, Ricardo Crisafulli. Análise e tematização da imagem fotográfica. **Ciência da Informação**, Brasília,DF,v.36,n.3, p. 67-76, set./dez.2007. Disponível em:
<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/view/1006/737> > Acesso em: 17 Mar. 2010.

RUBIO, Alfonso. La documentación audiovisual em el centro territorial de TVE en la Rioja. **Berceo**, s.l, n.144, p.215-233, 2003. Disponível em: <
<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=698051> > Acesso em: 15 Abr. 2010.

SANTAMARIA, Alicia Conesa. La documentación en los medios de comunicación audiovisuales. In: PUJOL, Maria Eulália Fuentes i. (Editora). **Manual de documentación periodística**. 1. ed. Madrid: Síntesis, 1995. Cap. 8.

SERRANO, Jorge Caldera. La documentación audiovisual en las empresas televisivas. **Biblios**, v. 4, n. 15, p. 3-11, Abr.- Jun. 2003. Disponível em: < <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/161/16101501.pdf> > Acesso em: 26 Abr. 2010.

_____. Labor documental para programas de entretenimiento en las televisiones. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.35, n.1, p.16-24, jan./abr.2006. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ci/v35n1/v35n1a02.pdf> > Acesso em: 13 Abr. 2010.

SMIT, Johanna W. A representação da imagem. **Informare**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, p.28-36, jul./dez.1996.

TOREZAN, Isabela Mara Valle. **Fotografia e informação: aspectos gerais de análise e indexação de imagens**. 2007. Tese (Mestrado) – Departamento de Ciência da Informação e Documentação, UNB, Brasília, DF, 2007. Disponível em: < http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/3484/1/2007_IsabelaMaraVTorezan.pdf > Acesso em: 06 Jan. 2010.

VASCONCELOS, Rosa Maria Gonçalves; CARVALHO, Edna de Souza. **Tratamento e conversão dos documentos digitais: a experiência do Senado Federal**. Brasília, DF, 2007. Disponível em: < <http://www.apbad.pt/Downloads/congresso9/COM69.pdf> > Acesso em: 09 Abr. 2010.

UNESCO. **Recomendações sobre a Salvaguarda e a Conservação das Imagens em Movimento**. Paris: UNESCO, 1980.



APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO À EQUIPE DA TV UFV

- Há quanto tempo trabalha na TV UFV?

- Qual a sua função na TV?

- Trabalha em outro lugar?

- Qual a sua escolaridade?

- Em sua opinião, qual a importância da organização da documentação audiovisual da TV UFV e a implantação de um banco de imagens respectivamente? Facilitaria? Por quê?
